

## AFETO E EMOÇÃO NO DIÁLOGO DE VYGOTSKY COM FREUD: APONTAMENTOS PARA A DISCUSSÃO CONTEMPORÂNEA

Lavínia Lopes Salomão **Magiolino** – UNICAMP

Ana Luiza Bustamante **Smolka** – UNICAMP

Agência Financiadora: FAPESP

O problema da sensibilidade, das paixões humanas e de suas relações com a razão, é uma questão arcaica, central na filosofia, na história das idéias mobilizando pesquisadores dos mais diversos campos do conhecimento, da ciência, da arte. Questão que está na ordem do dia, sobretudo na educação.

Ao debruçarmo-nos sobre o problema dos afetos e das emoções deparamo-nos com uma polêmica acerca dos modos como se concebe, compreende e teoriza sobre estes.

O nome de Vygotsky vem sendo vinculado às elaborações de Espinosa, ao falar de afeto – filósofo cujas teses contrárias ao cartesianismo, fundamentam a perspectiva Vygotskyana em diversos aspectos. Contudo, se ampliamos o nosso olhar vemos que tal questão nos remete também à psicanálise e a Freud, importante interlocutor de Vygotsky, cujo diálogo não vinha sendo muito relevado, possivelmente devido às divergências já ressaltadas por alguns comentadores (Van der Veer & Valsiner, 2001).

Mais recentemente, alguns trabalhos apontam convergências, tais como o prefácio de Clot (2003) à tradução francesa de textos de Vygotsky. Nas suas discussões sobre as possibilidades não realizadas de atividade e a relação com o inconsciente, ele que destaca aspectos convergentes no pensamento de Freud e Vygotsky. A análise desse autor aponta para o intenso diálogo travado com Freud, sem, contudo, explicitar mais detidamente algumas possíveis repercussões ou coincidências nos modos dos dois autores conceberem e teorizarem sobre afeto e emoção.

Em nossos estudos, vimos procurando mais do que acentuar a disputa, promover o debate, perquirindo mesmo as contradições, pois acreditamos que a partir e por meio destas encontramos indícios para adensar a problemática.

Vygotsky e Freud são contemporâneos, de modo que na ambiência cultural da qual fazem parte, apesar das diferenças nas posições que assumem, enfrentam questões e problemas semelhantes. Debatem sobre a consciência e o inconsciente, o natural, o social e o cultural, o biológico e o psíquico, a arte, a linguagem e o afeto. Assumem uma perspectiva evolucionista e apesar das influências de diferentes

pensadores, posicionam-se, por exemplo, contra a teoria localizacionista em pauta na época, propondo uma explicação sistêmica e dinâmica<sup>1</sup>.

Em diversos momentos, em diferentes trabalhos, Vygotsky ressalta a dificuldade da ciência em lidar com o campo do sentimento e das emoções, bem como da imaginação e fantasia. É interessante notar que Vygotsky refere-se a esse como o capítulo mais obscuro da Psicologia, como também faz Freud em sua análise sobre as pulsões ao se referir a esta como a região obscura. Os problemas, os focos de interesse aproximam-se apesar do distanciamento do princípio explicativo e do modo como os autores compreendem, explicam e elaboram sobre o impacto da história e da cultura no processo de constituição humana.

Tratar a questão do afeto e das emoções na obra de Vygotsky é um desafio. Seja pela abrangência e persistência do tema, que atravessa toda a sua produção, seja pela interlocução com os autores nos mais diversos campos e tendências; a busca de compreensão de suas idéias e as análises de suas concepções requerem um estudo detido e aprofundado. Vale pontuar ainda que um de seus últimos trabalhos dedicado a um estudo histórico-psicológico desta problemática, *Teoria das Emoções*, é deixado inacabado, suscitando dentre os estudiosos de sua obra indagações e polêmicas (Sawaia; Van der Veer & Valsiner).

Na obra de Freud, o desafio é ainda maior. O psicanalista fundamenta sua metapsicologia nos processos psíquicos inconscientes que trazem implicadas a problemática da natureza do mental e sua relação com a representação enfocando o sujeito do inconsciente. O afeto não é *um* conceito em Freud, mas vários. Ele fala em afeto de diversos modos, em vários sentidos diferentes. Ora num sentido mais genérico como sinônimo de emoção e sentimento, ora como quantidade/quota de energia ou excitação, ora como processo de dispêndio de energia. Os afetos relacionam-se ao corpo, às pulsões e às representações e aparecem em toda a obra de Freud assumindo também algumas nuances, conforme vimos percebendo nos estudos realizados, em que (re)tomamos alguns textos procurando pontuar seus argumentos e compreender seu princípio explicativo.

As referências de Vygotsky a Freud remontam basicamente às *Conferências Introdutórias à Psicanálise*, *Leonardo da Vinci*, *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, *A interpretação dos sonhos*, *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*,

---

<sup>1</sup> Com Luria (neuropsicólogo russo) Vygotsky, desenvolveu estudos sobre a constituição histórico-cultural das funções psicológicas humanas. Luria propôs uma abordagem sistêmica e dinâmica do cérebro em três unidades funcionais que deu origem a diversas teorias, influenciando neurologistas atuais. Freud critica o localizacionismo em seus primeiros artigos, como *Sobre a concepção das afasias* ao colocar o modelo de funcionamento da linguagem (esquematizado pela associação representação-objeto e representação-palavra) em busca de uma explicação dinâmica.

*Além do princípio do prazer, O chiste e sua relação com o inconsciente, Psicologia de grupo e análise do ego, O Ego e o Id*<sup>2</sup>.

Neste trabalho, pretendemos colocar em relevo alguns pontos desse diálogo, explorando e dando visibilidade a argumentos dos dois autores, privilegiando: 1. arte e catarse: a transformação das emoções; 2. afeto e representação na problematização do (in)consciente; e 3. natureza e desenvolvimento do afeto: o biológico e o psíquico.

### **Arte e catarse: a transformação das emoções**

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* a discussão sobre o afeto aparece relacionada à pulsão sexual nas neuroses analisadas por Freud ao destacar a importância do procedimento terapêutico introduzido por Breuer, então chamado de “catártico”. Esclarece, primeiramente, que as psiconeuroses, de acordo com suas experiências, baseiam-se em forças pulsionais de cunho sexual. A energia da pulsão sexual contribui para as forças que sustentam os fenômenos patológicos (os sintomas), consistindo em uma fonte energética constante da neurose. A psicanálise procura eliminar os sintomas histéricos partindo da premissa de que são um substituto de uma série de processos, desejos e aspirações investidos de afeto que, mediante a um processo psíquico de recalçamento, nega-se a descarga através de uma atividade psíquica passível de consciência. Freud fala em desejos e aspirações “investidos de afeto”, ele parece estar usando “afeto” como sinônimo de “quantidade” ou de “excitação”, portanto, um desejo investido de afeto seria um desejo altamente investido, ou muito intenso.

Assim, essas formações de pensamento que foram retidas num estado de inconsciência aspiram a uma expressão apropriada a seu valor afetivo, a uma descarga, e, no caso da histeria, encontram-na mediante o processo de conversão em fenômenos somáticos - justamente os sintomas histéricos. Pela retransformação sistemática (com a ajuda de uma técnica especial) dos sintomas em representações investidas de afeto já agora conscientizadas, fica-se em condições de averiguar com a máxima precisão a natureza e a origem dessas formações psíquicas antes inconscientes. (Freud, 1986: 100)

O procedimento catártico, utilizado por Freud neste momento, pressupunha que o paciente fosse hipnotizável e baseava-se na ampliação da consciência que ocorre na hipnose. A meta era a eliminação dos sintomas patológicos e se chegava à mesma levando o paciente a retroceder ao estado psíquico em que o sintoma surgira pela primeira vez. Assim emergiam no doente hipnotizado lembranças, pensamentos e impulsos até então excluídos de sua consciência. Assim que ele comunicava ao

---

<sup>2</sup> A teoria freudiana do aparelho psíquico é marcada por revisões e reelaborações desdobrando-se, no que conhecemos como a primeira tópica (abarcando os sistemas consciente, inconsciente e pré-consciente) e a segunda tópica (abarcando o id, o ego, e o superego) após 1920, a partir de *Além do princípio do prazer*, em que estabeleceu o modelo estrutural ou dinâmico, cristalizado em *O ego e o id* de 1923.

médico esses seus processos psíquicos, em meio a intensas expressões ou manifestações afetivas, o sintoma era superado e se impedia seu retorno.

Ainda que posicionando-se contra a explicação pautada unicamente pela energia sexual subjacente aos processos psíquicos, Vygotsky assume a contribuição de Freud ao analisar os problemas da psicologia da arte, debatendo o conceito de catarse e elaborando o conceito de arte como *a técnica social do sentimento*. A discussão evidencia o caráter contraditório, de ambigüidade e ambivalência dos sentimentos e emoções – referindo-se também a Darwin.

Vygotsky (2001) discute então as concepções de emoções líricas, suscitadas pelo conteúdo, e emoções suscitadas pela forma, e analisa a relação em que se encontram: “essas duas séries de emoções estão em permanente antagonismo, estão direcionadas em sentidos opostos e (que) da fábula à tragédia a lei da reação estética é uma só: encerra em si a emoção que se desenvolve em dois sentidos opostos e encontra sua destruição no seu ponto culminante como uma espécie de curto-circuito” (p. 270).

Este é o efeito da obra de arte que remete ao conceito de catarse de Aristóteles que Vygotsky (2001) também problematiza:

Mas, apesar da imprecisão do seu conceito e da manifesta recusa à tentativa de esclarecer o seu sentido no texto de Aristóteles, ainda assim supomos que nenhum outro termo, dentre os empregados até agora na psicologia, traduz com tanta plenitude e clareza o fato, central para a reação estética, de que as emoções angustiantes e desagradáveis são submetidas a certa descarga, à sua destruição e transformação em contrários, e de que a reação estética como tal se reduz, no fundo, a essa catarse, ou seja, à complexa transformação dos sentimentos. Ainda sabemos muito pouco de fidedigno sobre o próprio processo da catarse, mas mesmo assim, conhecemos o essencial isto é, sabemos que a descarga de energia nervosa, que constitui a essência de todo sentimento, realiza-se nesse processo em sentido oposto ao habitual, e que a arte assim se transforma em um poderosíssimo meio para atingir as descargas de energia nervosa mais úteis e importantes. Achamos que a base desse processo é a natureza contraditória que subjaz à estrutura de toda obra de arte (p. 269-270).

Há uma idéia de transformação dinâmica dos afetos, processo que traz à tona a discussão da relação dos afetos com o inconsciente e a consciência e a linguagem. Problema central, mas absolutamente complexo na psicologia da época em que emoções humanas são analisadas com base em uma classificação que acaba por estabelecer uma divisão entre superiores e inferiores. A teoria organicista de James e Lange consolida-se como principal fonte de explicação das emoções, separando-as da consciência. Tanto Vygotsky como Freud posicionam-se radicalmente contra essa teoria e procuram assumir uma perspectiva histórica, evolucionista, apesar das diferentes ênfases e influências.

### **Afeto e representação na problematização do (in)consciente**

Em seus estudos em arte, psicologia e educação, Vygotsky enfatiza as relações intrincadas entre palavra e emoção. Afirma: “As mesmas palavras, porém pronunciadas com sentimento, agem sobre nós de modo diferente daquelas pronunciadas sem vida” (Vygotsky, 2004a: 135). Indaga-se, em diversos momentos, sobre o poder da palavra que afeta o homem: “Mas de onde vem a função volitiva da palavra para nós, por que a palavra subordina a si as reações motoras? De onde vem o poder da palavra sobre a conduta?” (Vygotsky, 2000: 25).

Freud também se coloca o problema da arte. Também investiga o poder da palavra que afeta. Seus estudos tematizam a vinculação da palavra com o afeto.

Por meio de palavras uma pessoa pode tornar outra jubilosamente feliz ou levá-la ao desespero, por palavras o professor veicula seu conhecimento aos alunos, por palavras o orador conquista seus ouvintes para si e influencia o julgamento e as decisões deles. Palavras suscitam afetos e são, de modo geral, o meio de mútua influência entre os homens. Assim, não depreciaremos o uso das palavras na psicoterapia, e nos agradará ouvir as palavras trocadas entre o analista e seu paciente. (Freud, 1986: 10)

Embora Vygotsky (1998) não apresente uma discussão elaborada sobre a questão da linguagem no diálogo com Freud, problematizado os limites da investigação psicológica, e indagando-se acerca do limite entre a palavra pronunciada e a não-pronunciada, afirma ser a elaboração desses procedimentos uma das mais importantes tarefas da metodologia psicológica – com destaque para a psicanálise.

Isso demonstra a proximidade no modo como os autores discutem a relação entre emoção e linguagem, e o papel desta na transformação ou elaboração do afeto e das emoções - apesar das diferenças, sobretudo em relação à concepção de linguagem e, como já apontado, ao princípio explicativo assumido por Vygotsky fundamentado no materialismo histórico e dialético.

Do diálogo com Freud e com os autores no campo da arte emerge uma aparente contradição: de um lado, o sentimento carece necessariamente de clareza consciente, e de outro, não pode ser de maneira nenhuma consciente.

Freud, que é provavelmente o maior defensor do inconsciente, diz: “Porque a essência do sentimento consiste em ser experimentado, ou seja, conhecido da consciência. Assim, para os sentimentos, sensações e afetos, desaparece inteiramente a possibilidade de inconsciente” (1986, p. 135). É verdade que o próprio Freud faz objeção a essa afirmação elementar e tenta esclarecer se faz sentido falar de uma vivência como o medo paradoxal e inconsciente. Posteriormente ele elucidou que, embora a psicanálise fale de afetos inconscientes, a inconsciência desses afetos difere da inconsciência das representações, uma vez que o afeto inconsciente corresponde unicamente ao embrião do afeto como possibilidade que não atinge sua evolução posterior. (Vygotsky, 2001: 251).

Para muitos autores, a possibilidade de compreensão e explicação da questão da natureza do afeto e de sua relação com a imaginação, a consciência e o inconsciente, residia nos mecanismos nervosos que tomavam o sentimento como processo de consumo ou descarga de energia nervosa. Há uma concepção de sentimento como dispêndio de energia em Freud que não deixa de ser assinalada por Vygotsky: “A emotividade se manifesta essencialmente no refluxo motor (secretório e regulador do sistema circulatório) de energia, que conduz à abundância (interna) do próprio corpo sem relação com o mundo exterior; a motilidade se manifesta em ações destinadas a mudanças no mundo exterior” (Freud, 119, p. 137) (Vygotsky, 2001: 253).

No artigo *O inconsciente*, (referido por Vygotsky), Freud levanta outra questão: as considerações se voltam para o fato de que, em sua opinião, a antítese entre consciente e inconsciente não se aplica aos instintos, pois instinto nunca pode tornar-se objeto da consciência, apenas a idéia que o representa pode. Se a resposta à questão dos instintos pode ser dada com certa tranquilidade, o mesmo não acontece em relação à questão dos sentimentos, emoções e afetos inconscientes. Ele argumenta que faz parte da natureza de uma emoção que estejamos conscientes de que ela acontece. As emoções participam do processo corporal de tomada de consciência, emergem deste. Isto nos levaria a considerar que a possibilidade do atributo da inconsciência seria completamente excluída no tocante às emoções, sentimentos e afetos (apesar de na prática psicanalítica estarmos habituados a falar de amor, ódio, ira inconscientes). A diferença em relação aos instintos se faz no modo como a repressão incide sobre os afetos/sentimentos/emoções. Apenas ao ser transformado pela repressão o afeto aparece com uma quota qualitativamente diferente que o liga ao inconsciente – e este é apenas um dos três destinos possíveis.

A rigor, então, e ainda que não se possa criticar o uso lingüístico, não existem afetos inconscientes da mesma forma que existem idéias inconscientes. Pode, porém, muito bem haver estruturas afetivas no sistema lcs<sup>3</sup>, que, como outras, se tornam conscientes. A diferença toda decorre do fato de que idéias são catexias - basicamente de traços de memória -, enquanto que os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos. No presente estado de nosso conhecimento a respeito dos afetos e das emoções, não podemos exprimir essa diferença mais claramente. (Id. IBID., 106)

Freud parece diferenciar afeto e emoção, por um lado, mas por outro, argumenta que ambos se manifestam como sentimentos, o que obscurece a diferenciação entre afeto, sentimentos e emoções<sup>4</sup>. Ressalta dois pontos importantes:

---

<sup>3</sup> Na primeira tópica Freud delimita e refere-se ao inconsciente (lcs), pré-consciente (Prc.) e consciente (Cs.).

<sup>4</sup> Ao vincular o afeto a uma vivência do passado que é evocada temos nesta elaboração de Freud o mesmo sentido de “afeto” presente no *Projeto de uma psicologia* e que se aproxima da definição de angústia em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926).

o fato de que a repressão pode conseguir inibir um impulso instintual, impedindo-o de se transformar numa manifestação de afeto; e o fato de que isso mostra como o sistema Cs. normalmente controla não só a afetividade mas o acesso à motilidade. A repressão, resulta não apenas em reter coisas provenientes da consciência (impedindo o seu acesso à consciência), mas igualmente em cercear o desenvolvimento do afeto e o desencadeamento da atividade muscular.

Afirmamos que na repressão ocorre uma ruptura entre o afeto e a idéia à qual ele pertence, e que cada um deles então passa por vicissitudes isoladas. Descritivamente, isso é incontestável; na realidade, porém, o afeto, de modo geral, não se apresenta até que o irromper de uma nova apresentação no sistema Cs. tenha sido alcançado com êxito. (Id. IBID. 106)

Analisando os chistes e sua relação com o inconsciente, Freud observa que os processos de condensação, com ou sem formação de substitutivos desempenham papel importante na produção dos chistes e mostram uma concordância com os processos de *elaboração onírica*; a análise destes fornece elementos para a compreensão daqueles. Tal análise leva também a uma aproximação dos problemas do cômico cuja explicação remete à fisiologia por tratar de processos da ideação que partem de inervações em direção aos músculos. Nas relações entre os motivos do riso mediante movimentos exagerados e inconvenientes de uma pessoa e a despesa psíquica relacionada adquirimos a idéia de um movimento de tamanho particular executando o movimento ou imitando-o. Aprendemos através desta ação, um padrão para o movimento em nossas sensações inervatórias.

Mas, Freud indica que, apesar de os afetos estarem relacionados aos movimentos expressivos e à quantidade de energia, não se restringem a isto. Argumentando que a necessidade mimética não está relacionada apenas aos requisitos da comunicação de algo, mas ocorre também quando o sujeito forma a idéia para si próprio, nos dá mais algumas pistas. Uma definição das emoções se esboça: “Se mantenho o ponto de vista de que se deve acrescentar à ‘expressão das emoções’, bem conhecida como concomitante físico dos processos mentais, a ‘expressão do conteúdo ideacional’, posso verificar claramente que meus comentários relativos às categorias de grande e pequeno não exaurem o assunto” (p. 125).

Emergindo de um processo de sinalização nas relações entre os processos psíquicos (in)inconscientes e na dinâmica das relações entre corpo e mente, linguagem e consciência, o afeto parece estar ligado também à dinâmica da representação. De fato, Freud afirma que a representação é indissociável de um componente afetivo. A vinculação entre representação e afeto é, portanto, essencial na psicanálise. Em relação aos lapsos da fala, por exemplo, Freud argumenta que

podem ser explicados pela interferência de uma idéia meio suprimida que está fora do contexto intencionado, vindo carregada de um afeto que se insinua.

O que parece estar em discussão aqui é a indissociabilidade entre afeto e representação, as relações das emoções/afetos/sentimentos com a idéia/representação que, sendo tratadas em seu imbricamento com o inconsciente e sua compreensão em termos de corpo e mente são retomadas em inúmeros trabalhos.

O conceito de pulsão, ao condensar a relação afeto-idéia, parece ser o lugar de elaboração desta questão. Esse conceito emerge em *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* como “o representante psíquico de uma fonte de estímulos endógenos continuamente a fluir(...) um conceito que se acha na fronteira entre o mental e o físico” (p. 102). Até os trabalhos de 1915 distinguem-se as *pulsões sexuais* (relacionadas à conservação da espécie) e as *egóicas* (relacionadas à conservação da vida). Tal elaboração conhecida como o primeiro dualismo pulsional, é modificada no artigo *A Repressão*<sup>5</sup>. A partir daí Freud passa a definir a pulsão, não mais como a “representação” no psíquico de um estímulo corporal, mas como o próprio estímulo que é representado no psíquico por uma representação. Essa idéia é repensada em *Além do princípio do prazer*, daí emergindo as pulsões de vida e morte com uma suposta ênfase dada à segunda.

Há ainda um outro aspecto que será explorado por Vygotsky em diversos textos que diz respeito à vinculação da dinâmica interna das emoções com sua expressão externa no processo emocional integral de desenvolvimento humano.

#### **Natureza e desenvolvimento do afeto: o biológico e o psíquico**

Em *Psicopatologia da vida cotidiana* analisando um caso de lapso de escrita em que Freud relata uma experiência sua em prover os gastos com um parente enfermo, podemos perceber o modo como o afeto é compreendido em relação à percepção, à memória, à linguagem e à tomada de consciência – o que permite a sua transformação e desenvolvimento.

Vygotsky, em *Desenvolvimento psicológico na Infância*, discute o problema das emoções e seu desenvolvimento na infância, analisando a concepção de inúmeros autores, pontuando limites e possibilidades. Destaca a contribuição de Freud na análise que revela a ambivalência das emoções nas primeiras etapas do desenvolvimento em que ocorre uma diferenciação do núcleo, que encerra sentimentos contraditórios – reafirmando alguns aspectos salientados na discussão sobre arte e catarse. A análise da psicopatologia da vida cotidiana demonstra,

---

<sup>5</sup> Vygotsky refere-se à discussão trazida por Freud nesse artigo sobre o papel da repressão em alguns momentos demonstrando conhecimento sobre o assunto, mas não podemos afirmar com certeza que



segundo Vygotsky, que o mais importante no estudo das emoções não são os componentes orgânicos que as acompanham, mas a dinâmica da vida emocional.

Essa tese era importante em outro sentido: desenhava certas possibilidades simples na interpretação do movimento da vida emocional. Mas o principal mérito de Freud no mencionado campo é ter demonstrado que as emoções não foram sempre o que são agora, que em diversos momentos, nas etapas precoces do desenvolvimento infantil, foram distintas das do homem adulto. Demonstrou que não são “um estado dentro de outro”, e que só podem ser compreendidas no contexto de toda a dinâmica da vida humana. É só aí que ganham sentido e significado os processos emocionais (p. 96).

Vygotsky comenta a separação experimental dos conceitos de sentimento e emoção e sua expressão externa e aponta o trabalho de Claparède que diferencia as emoções e os sentimentos como processos nos quais se tropeça frequentemente em situações análogas, mas que são diferentes em essência. Não se detém nessa questão neste momento, mas adverte que Freud foi o primeiro a formular a questão de que a doutrina tradicional da utilidade biológica das emoções devia ser posta à prova.

Freud ao observar o estado neurótico da idade infantil e madura, tropeça a cada passo no espantoso fato a que não se pode esquivar nenhum psicólogo: constata-se que uma pessoa neurótica e uma criança são um modelo de vida espiritual, transtornada em decorrência da alteração da atividade emocional. Se for correta a velha tese (as emoções são um mecanismo biologicamente útil), é incompreensível que as emoções sejam causa de tão profundas e prolongadas alterações de todo o comportamento, porque quando estamos preocupados não conseguimos pensar conseqüentemente, porque quando nos sentimos transtornados não conseguimos agir de forma conseqüente e sistemática, porque quando estamos muito afetados por algo somos incapazes de nos dar conta de nosso comportamento, controlar nossos atos, em outras palavras, porque os movimentos aguçados dos processos emocionais originam tais mudanças na consciência que relegam a um segundo plano o desenvolvimento de toda uma série de funções, que asseguram a vida normal da consciência. Com efeito, segundo a interpretação biológica primitiva e naturalista das emoções humanas, é totalmente incompreensível porque estas adaptações biológicas, tão antigas como o próprio homem, tão necessárias como a necessidade de alimentos e água, por que estas mesmas emoções são fonte de perturbações tão complicadas na consciência humana. (Vygotsky, 1998: 100-101)

Esse ponto é retomado por Vygotsky em sua *Teoria das Emoções*, em que discute a natureza biológica e a natureza psicológica e o problema do desenvolvimento dos afetos.

De maneira geral, argumenta Vygotsky (2004b), o problema das sensibilidades associado ao estudo dos valores é considerado inacessível à psicologia que se dedica ao estudo psicofísico e psicológico dos processos elementares da consciência e de seu substrato corporal. Por isso, da inconsistência de uma psicologia explicativa das emoções nasce uma psicologia teleológica que descreve as sensibilidades superiores. Assim, a psicologia deveria romper com a psicologia naturalista, causal em busca de

---

tenha lido o mesmo, pois as notas bibliográficas disponíveis mencionam uma referência a uma coletânea de artigos psicanalíticos traduzidos para o russo.

outros caminhos. Vygotsky assinala que, segundo Freud, para essa psicologia se impõe um enfoque muito diferente do problema das sensibilidades do que se constituiu dentro da psicologia didática oficial, em especial, a psicologia médica.

Aparentemente – dice Freud –, lo que interesa ante todo de esta última es saber cuáles son las vías anatómicas por las que cursa el estado de miedo. Al decir que había consagrado mucho tiempo y trabajo al estudio del miedo, Freud señala que no conoce nada más indiferente al estudio de la psicología del miedo que el conocimiento de la vía nerviosa por donde cursa la estimulación. (Vygotsky, 2004b: 214)

Uma discussão que permeia o debate relaciona-se a outro problema central na psicologia: a natureza dos processos, funções ou fenômenos psicológicos e sua base biológica e/ou psicológica. Mas, adverte Vygotsky, Freud continuava um naturalista, como James.

Nas primeiras das *Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise*, a discussão é recolocada por Freud, ligada ao estado neurótico.

Por ‘ansiedade’ geralmente entendemos o estado subjetivo de que somos tomados ao perceber o ‘surgimento da ansiedade’, e a isto chamamos afeto. E o que é um afeto, no sentido dinâmico? Em todo caso, é algo muito complexo. Um afeto inclui, em primeiro lugar, determinadas inervações ou descargas motoras e, em segundo lugar, certos sentimentos; estes são de dois tipos: percepções das ações motoras que ocorreram e sensações diretas de prazer e desprazer que, conforme dizemos, dão ao afeto seu traço predominante. (Freud, 1986: 102)

Freud recoloca o problema em relação ao modo como a psicologia e a psicanálise (clínica) tratam a questão frente ao desconhecimento da problemática, assumindo perspectivas absolutamente diferentes.

Aquilo que, a partir da psicologia, os senhores podem reunir acerca dos afetos - a teoria de James-Lange, por exemplo - para nós, psicanalistas, está muito além do entendimento ou do debate. Também não consideramos muito firmados nossos conhecimentos a respeito dos afetos; esta é uma primeira tentativa de encontrar nossa orientação nessa região obscura. (Id. IBID.102)

Vygotsky discute as colocações de Freud sobre o que representa o afeto no plano dinâmico retomando as inervações motoras, refluxos ou energias, mas ressaltando a sensação de dupla natureza (percepção das atividades motoras realizadas e a sensação direta de prazer ou desprazer) que dá ao afeto uma determinada tonalidade mas que não demonstra a essência de um afeto. Em outros afetos estudados de maneira mais profunda, ressalta Vygotsky, encontramos um núcleo que unifica o conjunto mencionado por Freud. Isto chama a atenção de Vygotsky em sua busca por uma explicação monista, materialista e dinâmica do processo emocional integral.

Assim, argumenta Vygotsky, é como nasce uma “psicologia profunda” dos afetos que se esforça por encontrar seu núcleo interno e preservar uma psicologia causal dos afetos rigorosamente determinista. Contudo, tal discussão acaba por encerrar-se na esfera da causalidade psíquica. Para Vygotsky este ramo da psicologia aparece como reação ao pensamento científico e à inconsistência de uma psicologia acadêmica que se contenta em explicar o aspecto superficial dos fenômenos, ressaltando ainda a dificuldade de encontrar uma linguagem compatível com a linguagem fisiológica - também apontada por Freud.

A discussão sobre a essência, dinâmica e sensação de dupla natureza nos fazem levantar algumas indagações. Remetem ao dualismo cartesiano? Ao paralelismo espinosano? Trata-se de uma questão de nomenclatura? Como Vygotsky situa a contribuição de Freud nesse campo?

Para Vygotsky, Freud se situa no terreno do materialismo ao introduzir a idéia de um forte determinismo nas manifestações psíquicas, cuja base fica reduzida ao nível orgânico e biológico, ou em termos concretos, ao instinto de conservação da espécie. Essa explicação biológica é destacada por Vygotsky e Luria no Prefácio da tradução russa de *Além do princípio do prazer*. Se a tendência biológica conservadora para preservar o equilíbrio inorgânico é ocultada nas camadas mais profundas da vida psíquica, como é possível “explicar o desenvolvimento da humanidade a partir de formas elementares até formas superiores?” E ainda: “Onde é que olhamos para a raiz da tempestuosa progressão do processo histórico?” (p. 16, tradução nossa).

Freud forneceria uma resposta muito interessante e profundamente materialista:

se nos recessos profundos da psique humana persistem ainda tendências conservadoras primordiais da biologia e se, em última análise, mesmo Eros é impelido para elas, então as únicas forças que tornam possível escaparmos deste estado de conservação biológica e que podem impulsionar-nos ao progresso e à atividade, são forças externas, nos nossos termos, as condições externas do ambiente material no qual o indivíduo existe. São elas que representam a verdadeira base do progresso, pois são elas que criam a verdadeira personalidade e fazem-no adaptar e trabalhar com novas formas de vida psíquica; finalmente são o que reprimem e transferem os vestígios da antiga conservadora biologia. A este respeito a psicologia de Freud é completamente sociológica e cabe aos psicólogos materialistas que se encontram em melhores condições do que Freud revelar e validar o objeto dos fundamentos materialistas desta teoria (Vygotsky&Luria, 1994 : 16; tradução nossa)

Assim, Vygotsky ressalta que, de acordo com Freud, a história da psique humana incorpora duas tendências, a *conservadora-biológica* e a *progressivo-sociológica* que compõem a dialética do organismo e são responsáveis pelo distintivo espiral do desenvolvimento do ser humano. Desse modo, Freud abre uma picada no

caminho para a construção de um sistema monista, para uma compreensão monista do homem e do mundo.

Uma vez mais, de maneira a pontuar nuances e contradições, podemos retomar essa discussão em *A Psique, a consciência e o inconsciente*. Para Vygotsky, Freud parte do mesmo princípio da psicologia compreensiva: o conhecimento deve ser construído, sempre que possível, de forma *estritamente psicológica*; digressões prematuras na anatomia ou fisiologia ainda que ajudem a descobrir conexões psicofísicas em nível factual não ajudam a compreender.

A alternativa de Freud consiste em uma tentativa de continuar interpretando as conexões e as dependências dos fenômenos psíquicos no âmbito do inconsciente e em supor que por trás dos fenômenos conscientes se encontram os inconscientes, que os condicionam e que podem ser reconstruídos por meio da análise de suas marcas e da interpretação de suas manifestações. Mas o próprio Spranger faz uma severa ressalva a Freud: nessa teoria observa-se um erro teórico curioso. Diz que, embora com Freud se tenha superado o materialismo fisiológico, continua existindo um materialismo psicológico, uma premissa metafísica tácita, a premissa de que a presença de uma atração sexual se explica por si mesma e todas as outras devem ser interpretadas a partir dela (Vygotsky, 1999: 143).

Vygotsky coloca o acirrado debate acerca dos modos de compreender os processos do psiquismo humano em termos de processos fisiológicos, processos psíquicos ou de uma justaposição dos mesmos compreendidos como psicofisiológicos. Mas a mudança na nomenclatura não resolve o problema. Sua proposta seria pensar tais processos com base em uma *psicologia dialética*. Aqui se explicita a influência do materialismo histórico e dialético, que marca uma importante diferença nos princípios explicativos das perspectivas teóricas.

### **Considerações finais**

Vamos percebendo que Vygotsky parece sensível às mudanças e oscilações do pensamento freudiano no campo dos processos psíquicos e de sua natureza – fazendo referência a momentos importantes da elaboração dessa problemática na obra de Freud - *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, A Repressão*<sup>6</sup> e finalmente, *Além do princípio do prazer*.

A interlocução mostra que Vygotsky acompanha a elaboração freudiana sobre afeto e representação, sobre o conceito de pulsão no enfrentamento das dicotomias vigentes (biológico e psicológico, interno e externo, corpo e mente). Essas questões ainda constituem polêmica entre os estudiosos da obra de Freud (Caropreso, 2006; Ricoeur, 1977).

---

<sup>6</sup> Vygotsky refere-se à discussão trazida por Freud nesse artigo sobre o papel da repressão em alguns momentos demonstrando conhecimento sobre o assunto, „mas não podemos afirmar com certeza que tenha lido o mesmo, na medida em que as notas bibliográficas disponíveis mencionam a referência apenas a uma coletânea de artigos psicanalíticos traduzidos para o russo.

As oscilações e as contradições que evidenciamos no diálogo parecem apontar para o fato de que as colocações de Freud e Vygotsky, trazem à tona uma discussão acerca de uma concepção integrada de afetos, sentimentos e emoções, por meio da qual era possível compreender melhor suas expressões.

Esse modo de concepção e teorização nos permite compreender o pensamento de Freud em sua densidade, quando este sinaliza que as mudanças em nossos estados internos são percebidas como afetos, por cada um de nós. Afetados por essas mudanças, somos mobilizados, agimos, pensamos, sentimos e vivemos. Os afetos possibilitam a identificação dos estados corporais que são fruto da transformação de nossas estruturas endógenas na busca por mantermos a condição interna inalterada e podermos sobreviver. Mas, não é apenas a percepção passiva dos estados internos que vai resultar em sensações de prazer ou desprazer, o afeto emerge do processo dinâmico de constituição psíquica que procura uma integração entre o corpo e a mente. Isso porque o afeto (intrinsecamente ligado ao princípio do prazer, às pulsões de vida e morte) mobiliza a ação do ser humano em busca de equilíbrio, num movimento que consiste no mecanismo de regulação interna que assegura a sobrevivência – a dialética do organismo apontada por Vygotsky?

Ao vincular afeto e representação, memória e linguagem, afirmar que se transformam durante a vida, Freud enfrenta questões que também são fundamentais à perspectiva Vygotskyana, à compreensão do processo emocional integral e seu desenvolvimento, que conforme vimos argumentando em outros trabalhos, está ligada a uma compreensão monista do ser humano que suspeitamos ser de cunho espinosano (Yovel, 1993; Schneider, 1993).

Nesse sentido, apesar das críticas e contradições, vamos percebendo que o diálogo de Vygotsky com Freud nos fornece elementos importantes não só para a psicologia da época, mas para o debate atual. Damásio (2005) que, no campo da neurobiologia vem se dedicando ao estudo das emoções, ao problema da consciência, em seu mais recente livro afirma que os sentimentos de dor ou prazer constituem os alicerces da mente humana e atesta:

As frases de Espinosa, simples e sem qualquer adorno, revelam como entreviu uma arquitetura para a regulação da vida semelhante àquela que William James, Claude Bernard e Sigmund Freud viriam a propor dois séculos mais tarde. Mas a modernidade de Espinosa não termina aí. Espinosa recusou-se a reconhecer uma finalidade nos planos da natureza e concebeu corpos e mentes como construídos a partir de componentes que se podiam combinar em diversos padrões e formar diferentes espécies. Assim, Espinosa é compatível com o pensamento evolucionário de Charles Darwin (p. 21-22)

Essa referência de Damásio reunindo Espinosa, James, Freud autores com os quais Vygotsky dialogou profundamente torna-se para nós extremamente provocativa

e nos convida a mergulhar novamente no debate demandando uma releitura e um novo trabalho de aproximação e explicitação das diferenças entre os autores.

#### Referências

- CAROPRESO, F. S. *A natureza do psíquico e o sentido da metapsicologia na psicanálise freudiana*. Tese de doutorado, São Carlos: UFSCAR, 2006.
- CLOT, Y. Vygotski, la conscience comme liaison. In VYGOTSKI, L. S. *Conscience, inconscient, émotions*. Paris: La Dispute, 2003.
- DAMÁSIO, A. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DARWIN, C. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ESPINOSA, B. *Ética*. In Os pensadores – Descartes, vol. I. São Paulo, Nova Cultural, 1989.
- FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Edição standard brasileira). Rio de Janeiro: Imago, 1986 – vol. VI, VII, VIII, XVI, XVIII e XIX.
- RICOEUR, P. *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- SAWAIA, B.B. *A emoção como locus de produção do conhecimento - Uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa*. In: III Conference for Sociocultural Research, Campinas – Unicamp, 2000.
- SCHNEIDER, M. *Afeto e Linguagem nos Primeiros Escritos de Freud*. São Paulo: Ed. Escuta, 1993.
- SIMANKE, R. T. Cérebro, percepção e linguagem: elementos para uma metapsicologia da representação em “Sobre a concepção das afasias”. In *Revista do Departamento de Filosofia da USP. N.87*, 2006.
- VAN DER VEER & VALSINER. *Vygotsky – Uma síntese*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- VYGOTSKY, L.S. & LURIA, A. R. Introduction to the Russian translation of Freud's Beyond the pleasure principle. In: VAN DER VEER & VALSINER. *The Vygotsky reader*. Oxford & Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.
- VYGOTSKY, L.S. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- \_\_\_\_\_ *Teoria e método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_ *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- \_\_\_\_\_ *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- \_\_\_\_\_ *Psicologia Pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004 (a).
- \_\_\_\_\_ *Teoría de las emociones – Estudio histórico-psicológico*, Madrid: Ediciones Akal, 2004 (b).
- YOVEL, Y. *Espinosa e outros hereges*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1993.